

“ZUNGU”

Rodrigo dos Santos

O cenário representa uma casa com quintal, bem simples e envelhecida, típica de um subúrbio carioca. Vê-se ao fundo a única parede erguida do cenário, onde vídeos serão projetados. Ela é de um branco amarelado, encardido. Apresenta algumas manchas, rachaduras, quedas de reboco e marcas de infiltração. É uma casa cercada por plantas de variadas espécies. Espécies bem características de uma geografia popular, como dracenas, jiboias, samambaias, espadas-de-são-jorge e comigo-ninguém-pode.

Há uma cama antiga encostada à parede, forrada com peças de um conjunto de roupa-de-cama que não se combinam. Posicionada abaixo dela, uma cama de rodinhas. De um lado, mais próximo ao proscênio, que deve ser concebido como a representação do quintal, há um fogão, uma geladeira e uma pia; no centro, uma mesa pequena com quatro cadeiras. Do outro lado, um sofá de dois ou três lugares; tudo bem simples, com jeito de segunda mão. Toda a ação transcorre no espaço delimitado por essa casa.

ABERTURA:

“Zungu” é o nome das casas que existiam no Centro do Rio de Janeiro no século XIX, onde nossos antepassados se reuniam sob o pretexto de se banquetear com um angu. A palavra “zungu” pode significar desde “som barulhento, vozerio popular, falatório, rixa” até “casa de angu”, do kikongo, “nzo” (casa), e “ungu”, uma corruptela de angu¹. Nesses Zungu, muitas das tradições africanas foram reformuladas, mediante o contato de pessoas oriundas das mais diversas etnias. Fazia-se o batuque, o que manteve nossa potência musical viva, através do ritmo, da melodia e da dança. No Zungu, se

¹ MOREIRA DE ARAÚJO, Carlos Eduardo [et ali.]. *Cidades negras: africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX*. 2ª Edição. São Paulo, Alameda, 2006.

discutia as origens e a destinação política das coletividades que se encontravam sob o jugo do trabalho escravo na cidade. No Zungu, os mais sábios “leram a fortuna” de brancos, inclusive, sequiosos da cura de alguma doença, da entrega de um amor não correspondido, da vitória na disputa contra os inimigos ou do sucesso na carreira profissional. O Zungu foi o local no centro da cidade onde nossos antepassados produziram arte, política, religião e conhecimento. Frequentados majoritariamente por africanos e crioulos, libertos e escravizados, os Zungu foram perseguidos e destruídos na segunda metade do século XIX. Os pretos, empurrados para cada vez mais longe, para os territórios periféricos da metrópole.

Essa obra transcorre num desses territórios periféricos, do mesmo jeito que se crê que o mundo do sonho também é um território periférico em relação à vida centrada no estado de vigília. Porém, assim como é preciso acreditar que o sono é um complemento da vigília e que o sonho é apenas uma outra forma de viver nessa mesma “realidade” que experimentamos quando estamos acordados, essa obra representa a continuidade entre o mundo do sonho e o mundo “real”, no qual se costuma viver sob esse estado que se convencionou chamar de “lucidez”.

Essa obra aqui se debruça sobre o real, contemplando também o mundo do sonho, da imagem e da representação. Isso deve intensificar e potencializar o aspecto ritualístico desse momento.

Personagens:

- *Léfston, um jovem preto na casa dos 18 anos;*

- *Acerola, o amigo, outro jovem preto na mesma faixa etária;*
- *Dalva, a mãe de Léfston;*
- *Ovídio, o pai de Léfston;*
- *Olumonokàn, um dos antepassados de Léfston, representando seu “instinto de preservação-de-si”;*
- *Coro dos antepassados, representando os instintos básicos e as forças físicas que dinamizam a existência de Léfston.*

Cena 1:

Léfston, Dalva, a Mãe, e Acerola, o Amigo.

Acerola está sentado ao lado do portão de entrada da casa da família, folheando uma revista com matérias de cinema e TV. Enquanto a plateia entra, uma imagem do pôr-do-sol é projetada ao fundo. O tempo passa, marcado pela projeção da imagem do movimento de ocaso do sol. Já na penumbra, ele acende um isqueiro e seu rosto se ilumina. Espera. Ele acende e fuma um cigarro. Léfston e Dalva entram em cena.

LÉFSTON:

Tá fazendo o quê aí?

ACEROLA:

Tem ninguém em casa.

Toca o telefone celular de Dalva.

DALVA:

(Indicando as plantas no quintal.) Rega lá pra mim, ném.

Enquanto ela procura o celular na bolsa, eles pegam um regador e uma leiteira, enchem de água na pia da casa e começam a regar as plantas no quintal. Ela atende.

DALVA:

Oi, dona Linda. O quê? Não. Que eu me lembre, não. Como é que é a câmera? Vou ver, vou pensar. Posso ter visto, mas eu não tenho quase certeza, não, nem mexi nessa prateleira hoje. Tá bom. Pode deixar. Tá bom, de nada. Ah, tá bom, muito obrigada, vou falar pra ele. Tchau.

Ela desliga, passa pelos meninos e entra em casa; eles ficam no quintal. Na passagem:

DALVA:

Dona Linda te achou um negro muito bonito.

Léfston olha. Ele e Acerola, um pouco mais afastados.

ACEROLA:

Cadê a parada?

LÉFSTON:

Tá aqui.

Ele tira da mochila alguma coisa embrulhada num casaco. É uma câmara.

ACEROLA:

Me empresta. É maneirinha. Da Sony.

LÉFSTON:

Pra gravar é aqui, nesse botão.

ACEROLA:

E a fita mete aonde?

LÉFSTON:

No teu rabo. Essa aqui vai no HD direto. Última geração. Babaca.

ACEROLA:

E pra ver na televisão depois?

LÉFSTON:

Liga no fio direto. Tem cartão de memória também. Ou passa o vídeo pro computador com um cabo USB e queima o DVD.

ACEROLA:

Na NET, tem cada merda de vídeo que mais de um milhão já curtiu.

LÉFSTON:

Queria fazer logo um curso, tá ligado?

O Acerola começa a gravar a conversa.

ACEROLA:

Tu quer ser diretor de cinema? Tá gravando. Boladão, sem fita.

LÉFSTON:

Queria ser ator. Fica mais famoso. Pegar só mulher linda.

ACEROLA:

Estilo "praia e maconha. Pegar várias burguesas em Fernando de Noronha".

LÉFSTON:

Queria fazer teatro.

ACEROLA:

Mas, cinema é diferente.

LÉFSTON:

O quê?

ACEROLA:

É outra coisa, tá ligado?

LÉFSTON:

O teatro nasceu primeiro.

ACEROLA:

Teatro é teatro, cinema é cinema.

LÉFSTON:

Beber na fonte, parceiro. Entrar no teatro e depois começar a fazer cinema.

Novela.

ACEROLA:

Qual o melhor ator do Brasil?

LÉFSTON:

Tem um monte.

ACEROLA:

Fala um.

LÉFSTON:

Toni Ramos.

ACEROLA:

Outro.

LÉFSTON:

Antônio Fagundes.

ACEROLA:

Só coroa. Outro.

LÉFSTON:

Então, Wagner Moura.

ACEROLA:

Só branco.

LÉFSTON:

Tem o filho daquele coroa. Milton. Santos.

ACEROLA:

Lázaro Ramos.

LÉFSTON:

Lázaro Ramos é cria do teatro.

ACEROLA:

Quantas vezes tu já foi no teatro?

LÉFSTON:

Por enquanto, só no Baile funk, só.

ACEROLA:

Tá de sacanagem.

LÉFSTON:

Qual foi, neguinho? É o maior teatro que tem é o baile. Trabalho e diversão garantida pra família toda. Só precisa parar pra ouvir o texto, tá ligado. Cada sessão é uma coisa, só que o texto é o mesmo. E o diretor nunca entra na cena. Só fica dentro de fora, observando. Não é porque eu nunca fui no teatro, que não posso saber o quê que é teatro.

ACEROLA:

Tá sabido, hein, viado.

LÉFSTON:

Eu assisto programa de entrevista, viado.

ACEROLA:

Qual a diferença do cinema e do teatro pra você?

LÉFSTON:

Acho que no cinema o diretor é que dirige o ator. No teatro, é os telespectadores.

Nesse momento, Acerola entrega a câmera para alguém da plateia e pede para filmá-lo, entrevistando Léfston. O ator improvisa. Agradece-lhe pela gentileza.

ACEROLA:

Boa noite, então, meus telespectadores queridos. Estamos aqui nos encontrando novamente, na mesma hora, no mesmo lugar, certo. E o convidado dessa noite é sempre esse moleque aqui, ó, meu parceiro, Léfston! Conta aí pra gente, tá preparado pra dar mais uma agora?

LÉFSTON:

É. Em primeiro lugar, boa noite pra todos. Eu gostaria de agradecer a oportunidade de tá aqui e a presença de todos vocês que tão aqui também.

ACEROLA:

Agora, Léfston, me diz uma coisa. Somos amigos há muitos anos, fomos criados juntos, praticamente, somos irmãos, a bem dizer. Mas, eu queria matar uma curiosidade. Teu nome é muito louco, parceiro. *(Para o público.)* Não, aí, na moral, com todo o respeito, tem gente na plateia que conhece alguém chamado “Léfston”? Na moral, com todo o respeito? Me diz, *(Para Léfston)* quem te deu esse nome, foi seu pai ou sua mãe?

Ovídio, o pai, entra em cena, com uma bolsa carregando litros de cerveja.

Léfston acha graça.

LÉFSTON:

Olha aí, pergunta pra esse cara aí.

Cena 2:

Léfston, Acerola e Ovídio, o Pai.

ACEROLA:

E ele já vem como? No grau. *(Para Ovídio)* Valeu, tio Ovídio, cheguei cedo pensando que o senhor já tava em casa e o senhor chegou agora, me deixou esperando no portão.

OVÍDIO:

Mas, rapaz, pois é, eu tava ali tomando um guaraná. *(Para Léfston)* Oi, meu filho, já jantou?

LÉFSTON:

Não.

OVÍDIO:

Cadê sua mãe? Ô, gorda, cadê a janta, Dalva?

ACEROLA:

Seu Ovídio, maior comédia seu Ovídio!

OVÍDIO:

Hoje, eu quero jantar fora. Bota a mesa aqui no quintal, Dalva!

ACEROLA:

Chega aí, tio, com todo o respeito. O senhor tá sendo filmado, ao vivo, e tá em cadeia nacional.

OVÍDIO:

Cadeia nacional.

ACEROLA:

O senhor pode virar um astro da internet. O senhor vai ser famoso, com todo o respeito.

Ovídio acha graça.

OVÍDIO:

Eu não nasci pra isso, não.

ACEROLA:

E seu filho? O senhor acha que ele dá pra artista?

OVÍDIO:

Meu filho é maravilhoso.

ACEROLA:

Porque nome de artista ele já tem.

OVÍDIO:

O que?

ACEROLA:

O senhor já imaginou se seu filho fosse artista de cinema?

OVÍDIO:

Não.

ACEROLA:

la mudar de vida.

OVÍDIO:

Mudar de vida pra que?

ACEROLA:

Dá um sorriso ali pra câmera, então.

Ovídio olha pra câmera e sorri. Depois entra em casa e Acerola pega a câmera da pessoa da plateia e começa a gravar Léfston.

ACEROLA:

Também quero tomar um copo desse gelo aí, já é? *(Para Léfston)* E você, meu parceiro, quê que tu acha do seu nome?

LÉFSTON:

Sei lá. Meu nome é só um nome, pô, fora a zoeira dos otários que nem tu.

ACEROLA:

Quem te deu esse nome, então?

LÉFSTON:

Meu pai. É maior comédia. Tem coração. Mas, o mal dele é a bebida.

ACEROLA:

Então, a culpa é da bebida?

LÉFSTON:

Deve ser. Só anda assim.

ACEROLA:

E aquele caô do mocotó queimado? Conta pra gente.

LÉFSTON:

Vê se não vai faltar memória pro nosso vídeo, porra.

ACEROLA:

Se faltar, a gente apaga essa entrevista.

LÉFSTON:

Porra. Então. Minha mãe queria fazer um rango e pediu só pro meu pai desligar uma panela de pressão que tava com um mocotó no fogo. Ela foi me levar no posto pra tomar vacina. Aí, não sei o que aconteceu, que ele não apagou. Não sei se foi mulher, ou se foi amigo, que chamou ele pro botequim, que meu pai foi pro botequim, encher a cara. Minha mãe acha que foi mulher. Só sei que, quando a gente chegou, uma hora depois, tava cheio de vizinho na rua, quase invadindo a casa, pra apagar o fogo. Dava pra sentir aquela catinga de queimado de longe. Quando minha mãe abriu a porta, veio aquela fumaceira, sabe. Quase que pega fogo em tudo. A panela ficou toda preta em cima do fogão, com o resto do mocotó queimado, agarrado na panela. Derreteu até um pouco do cabo. Só não jogou fora porque não dava pra comprar outra. Um calor desgraçado. Ia pegar fogo no barraco. Aí, ficou tudo empestado com o cheiro de mocotó queimado. Meu cabelo ficou fedendo. Minha roupa ficou fedendo. O lençol ficou fedendo. A cortina da janela da sala ficou fedendo, o sofá, ficou tudo fedendo. Minha mãe ficou muito puta. Aí, quando ele chegou em casa, minha mãe começou a falar. Deu maior caô. Ele disse que ia meter a mão na cara dela. Ela mandou bater. E eu comecei a chorar. Criança. Não podia fazer nada. Só pedia pra ele parar, com medo de bater nela.

ACEROLA:

Aí, ele bateu.

LÉFSTON:

Porra nenhuma. Meu pai peida pra minha mãe. Mas, eu só queria ficar perto dela, parceiro, proteger ela. Tava com medo do meu pai fazer alguma coisa. Ele tem arma. Aí, não tem coisa pior do que esse cheiro de mocotó queimado, parceiro. Parece tudo que é pobre, desgraçado. Tudo que deu errado.

ACEROLA:

Para de caô. Tá filosofando agora?

LÉFSTON:

Qual foi?

ACEROLA:

Falou bonito à pampa.

LÉFSTON:

Bonito é quando eu sair dessa merda de vida.

ACEROLA:

Tá vendo.

LÉFSTON:

O pobre é muito humilhado pelo sistema. E o analfabeto também.

ACEROLA:

Falou que nem professor agora.

LÉFSTON:

Professor é o Mano Brown, parceiro.

ACEROLA:

(Desliga e mostra a câmera para Léfston.) Se liga só. Vamos fazer nossa parada. Vamos gravar esse vídeo e tirar onda.

LÉFSTON:

Meu sonho é fazer um curso.

ACEROLA:

Até o Charlie Chaplin também era pobre.

LÉFSTON:

E virou o dono do mundo.

ACEROLA:

Isso é muito louco.

LÉFSTON:

E só pegava mina linda, fala tu.

ACEROLA:

Mas, o cara era pica, né, mano.

LÉFSTON:

Então. Aí, me dá logo esse paletó, aí.

ACEROLA:

Tá aqui na mochila.

Acerola tira um paletó de dentro da mochila e um chapéu coco. Léfston experimenta.

LÉFSTON:

O Chaplin era o homem de ferro. Tirou onda.

ACEROLA:

O “Homem de Ferro” ficou padrão.

LÉFSTON:

Se liga. Vou lá dentro agora pegar o som e um elemento surpresa.

ACEROLA:

Que elemento surpresa?

LÉFSTON:

É surpresa.

Cena 3:

Léfston, Acerola e Dalva.

Léfston entra em casa. Apanha um aparelhinho de som portátil e uma sacola.

Dalva observa.

DALVA:

Ô, Léfston, de quem é essa câmara, aí?

Voltando ao quintal, ele não para pra responder. Apenas indica o Acerola.

LÉFSTON:

É dele.

Em frente ao Acerola, Léfston termina de se vestir e tira um par de patins de dentro da sacola. Ele se caracteriza como Carlitos.

ACEROLA:

Tá de sacanagem que tu vai andar de patins?

LÉFSTON:

Tá ligado naquela cena do shopping, que ele anda com o bagulho com o olho tampado?

ACEROLA:

Essa cena é maior neurose.

Léfston ensaia um aquecimento.

LÉFSTON:

Então, primeiro tu me grava saltando e depois com patins.

ACEROLA:

Já é, vamos ensaiar primeiro. Vou ficar desse lado.

LÉFSTON:

Já é, tô pronto. Avisa, quando gravar.

ACEROLA:

Peraí. Lança aí uma trilha sonora; demorou? Atenção. Gravando.

Léfston põe uma música no aparelho e faz uma sequência de saltos sensacionais.

ACEROLA:

Corta! Padrão, meu parceiro. Deixa eu fazer de outro lugar agora. *(Muda de lado.)* Gravando.

Léfston faz outra seqüência de saltos que desafia as leis da física.

ACEROLA:

Corta, caralho! Aí, vai ficar muito louco essa parada. Dá só mais um saltinho, aí, pra eu pegar teu pé batendo no chão de perto. Peraí. *(Ele se ajeita.)* Vai.

Léfston salta incrivelmente, da mesma forma, e cai de pé.

ACEROLA:

Aí, vamos baixar essa parada lá na lan house.

LÉFSTON:

Não, calma, aí, não é só ensaio?

ACEROLA:

Pra mim já tá bom, já.

LÉFSTON:

Deixa eu ver.

Assistem ao material gravado. Na parede da casa, são projetadas as cenas dos saltos de Léfston. As imagens ilustram o ponto de vista de Acerola. Ele capta um corpo desenvolvido e pulsante, balançando num ritmo próprio, à vontade, de terno e chapéu coco, se preparando para saltar. Léfston, como um gato, corre, elegante, troca os pés pelas mãos, as mãos pelos pés, e toma um

impulso que o projeta no ar, onde executa um, dois, três giros mortais, como um peixe, e cai firme e leve como um grilo. Close. Ele ajeita o chapéu e sorri com o brilho dos olhos também. Corta. Plano americano. Ele aparece no centro do quadro e, com um golpe aplicado com a perna, imitando a cauda de um jacaré, desenhando uma lua minguante no ar, ele se projeta no espaço e gira feito uma cobra brigando pra matar um boi. Corta. Salta, de novo, feito macaco, pra frente, e se apoia nos braços; joga as pernas pra trás e se estica no ar feito um sapo, mas já se encolheu, girando muito, feito um tatu; e, quando ele se põe de pé no chão, novamente, a poeira levanta como se estivesse aplaudindo.

LÉFSTON:

(Ao final da projeção.) Tá faltando alguma coisa.

ACEROLA:

Já é. Tu quer andar de patins, né. Mas, se liga, é melhor fechar esse primeiro e deixar a ideia do patins pra depois.

LÉFSTON:

Não é isso.

ACEROLA:

Parceiro, tu tá saltando muito. Vamos lançar assim mesmo e ver colé.

LÉFSTON:

É que assim como tá não dá.

ACEROLA:

Não dá por que? Ficou feio?

LÉFSTON:

O Chaplin é branco.

ACEROLA:

Foda-se, tu vai pintar a cara?

LÉFSTON:

Ninguém vai entender o bagulho.

ACEROLA:

Entender o quê, viado?

LÉFSTON:

Que eu tô imitando o Chaplin.

ACEROLA:

Para de caô. Deixa de ser burro.

LÉFSTON:

Burro é o corno do teu pai, teu arrombado. Quem tá botando a cara aí sou eu, seu otário. Meti a câmara da mulher no talento, pra eu e tu criar nosso bagulho.

Tu não sabia nem quem era o Chaplin. Me dá essa porra aqui. *(Pega a câmera das mãos do Acerola.)*

ACEROLA:

Enfia no cu, então, seu otário, e chama um branquinho pra aparecer no vídeo.

Não é assim que geral vai entender quem é o Chaplin?

LÉFSTON:

Parceiro, pra que fazer um bagulho que não combina, que não chama a atenção?

ACEROLA:

Porra, neguinho, tu salta pra caralho.

LÉFSTON:

Mas, eu sou preto, porra, e o cara era branco.

ACEROLA:

Então não imita ele, seu macaco, descasca uma banana, enfia na boca e dá uma cambalhota nessa porra.

Dalva aparece na janela e chama os dois para jantar.

DALVA:

Já vai começar a briga, é? Faz um intervalo aí na gravação que a janta já tá na mesa.

LÉFSTON:

(Para o Acerola.) Bora beber uma água.

Cena 4:

Léfston, Acerola, Dalva e Ovídio.

Léfston e Acerola respiram. Enquanto os dois vão buscar uma garrafa d'água na geladeira, Léfston coloca a câmera sobre a mesa de jantar e Dalva dispõe os pratos, os copos, os talheres e as panelas. Os homens vão se sentando e ela serve o angu de pé.

OVÍDIO:

Ô, gorda, pega aquela cerveja lá.

DALVA:

(Servindo o angu.) Ah, agora espera.

OVÍDIO:

(Para Léfston.) Então pega lá, meu filho.

ACEROLA:

Deixa que eu pego.

OVÍDIO:

Tem aquela cachacinha também em cima da geladeira. Traz o copinho. Quem quer cerveja?

ACEROLA:

Eu.

LÉFSTON:

Também quero um copo.

Ovídio se serve de cerveja e passa a garrafa para Acerola. Serve alguns copos de cerveja e outros de cachaça e oferece para algumas pessoas da plateia, improvisando a partir do seguinte texto:

OVÍDIO:

Agora, vamos comer em paz, vamos beber. Relaxar e ficar numa boa que, na minha idade, vocês vão ver que a vida não é só isso que se vê. É um pouco mais. Mesmo assim, não pode dar mole. Tem que ser malandro que nem eu fui, fazer aquele balanço geral, pra ver que malandro é malandro e mané é mané. Nunca roubei. Nunca cheirei e nunca matei ninguém. Mas, hoje eu me arrependo de não ter mandado pro inferno uns otários que me deram aporrinhção. *(Para Acerola e Léfston)* Vocês dois são amigos, são parceiros, certo, um tem que fechar com o outro. Poder brigar, pode brigar. Mas, tem que resolver a parada que nem homem. Vocês são fechamento, que eu sei disso.

(*Para Acerola*) Tua mãe, pra mim. Vou te falar. Eu gostava muito da tua mãe. Ela é praticamente minha comadre. Te peguei no colo. Então, tu é família. Essa casa aqui é uma casa de família. E aqui, todo mundo bebe. Vamos beber! Beber pra esquecer os problemas.

Dalva serve alguns pratos com angu e costela de boi. Também oferece ao público, improvisando a partir do texto a seguir. Serve-se de cerveja. Todos comem e bebem.

DALVA:

Antigamente, minha vó só gostava de angu com miúdo. Era o fato do boi ou do porco. Ou do bode. A passarinha. Cruz credo. Era o bofe, era o rim, o fígado, era a tripa. Às vezes, minha mãe fazia uma dobradinha escondida, cozinhava uma língua, mas tinha que ser escondido, que minha avó implicava. E, aí, dava pra a gente comer. Mas, se minha vó pegasse, todo mundo apanhava, porque não foi assim que ela aprendeu a comer angu. Ela aprendeu com as escravas, aquelas africanas mesmo que vieram da Bahia e vendiam angu de tabuleiro na calçada. Ai da gente, se não comesse. Eu não suporto miúdo até hoje. Troço fofo, amargo, parece um cimento que esfarela na minha boca, misturado com sangue e com terra. Esfarela na boca e depois vira uma pasta. Cruz credo! Minha vó era rezadeira e contava que antigamente tinha casa de angu, no tempo da escravidão. Isso é coisa de analfabeto.

OVÍDIO:

Eu, hein. E dobradinha não é miúdo?

DALVA:

Já viu rico comer miúdo? Rico não suporta o fato, Ovídio. Nunca me mandaram ir no açougue, comprar meio quilo de bofe, de tripa, de rim. Na casa da dona Linda, todo mundo odeia fígado, nem língua ela quer que eu faça. Lá eles só comem dobradinha. Outro dia, eu cozinhei uma com feijão branco, bem temperado, caprichado com toucinho, paio, linguiça, com bastante coentro por cima, pra ela oferecer pra uns americanos, sei lá, da Califórnia, da Alemanha, da casa do caralho. Ano passado, no aniversário do seu Fortes, eu cozinhei uma dobradinha com toque francês do Olivier, tá bom! A receita leva mocotó, meu querido, mas até o mocotó foi dispensado. Graças a deus, né, que eu fiquei traumatizada com negócio de mocotó. Sabe por que, né, seu Ovídio? Lefinho ainda era pequeno e não lembra, mas o senhor, seu Ovídio!

OVÍDIO:

E nem precisa lembrar.

DALVA:

Pois é. Então, conclusão, a dobradinha virou um prato sofisticado, com um toque francês. Levando cravo, alho-poró, tomilho, salsinha, conhaque, pimentado-reino. Branca. E um litro de sidra, que a dona Linda mandou substituir por pró-seco, tá, meu bem. Mas, eu duvido que algum dia ela vai querer fazer essa graça com miúdo, eu duvido. O próprio nome já diz tudo: “miúdo”. Comida de gente baixa, que tem pouca coisa, que só pode fazer pouca coisa, que pede pouca coisa e fica satisfeita com pouca coisa. Rezadeira. Minha mãe sabia

rezar, mas eu nunca quis saber disso. Meu angu não leva miúdo. Nem dobradinha. Fiz foi uma costela com bastante caldo e agrião também. Sem batata. Eu, hein, a escravidão já acabou. E liga a televisão, aí, que eu quero ver minha novela que já começou.

A programação da TV é projetada na parede ao fundo. Assistimos ao anúncio do horário eleitoral gratuito. Em seguida, são exibidas as campanhas, com inserts dos candidatos falando para a câmera; nas ruas, cumprimentando as pessoas; junto a prédios públicos e monumentos; e situações semelhantes. As imagens são exibidas em looping, sempre retornando ao ponto inicial da exibição.

DALVA:

Agora, todo canal é isso. Mas, também, não assisto outra coisa, queria ver minha novela. Aquela menina que tá apaixonada por aquele homem que foi capado, o... o nome dele é... esqueci. Ela não sabe que ele é capado. (*Para Ovídio*) Imagina, Ovídio, que tu fosse capado e eu quisesse te namorar? Tu ia dar pra trás?

OVÍDIO:

Ué, mas claro. Dava pra trás, pra cima, pra tudo que é lado.

DALVA:

Cruz credo, Ovídio, comigo toda gostosa assim? Toda se querendo? Tá falando sério?

OVÍDIO:

Lógico que eu tô falando sério. Eu ia fazer o quê sem culhão?

DALVA:

Teu pai que ia gostar, né?

OVÍDIO:

Aquele safado, maconheiro, estuprador.

DALVA:

Ele era mulherengo, isso sim, e você puxou a ele. Eu que devia cortar teu culhão fora, seu safado. Você sabe do quê que eu tô falando.

OVÍDIO:

Você não sabe de nada, vai acabar falando besteira e vai estragar meu jantar.

DALVA:

Como é que tá tua mãe, Acerola?

ACEROLA:

Minha mãe? Faz um tempinho que eu não falo com ela.

DALVA:

Quando falar, diz que eu mandei um abraço, um beijo. Diz pra ela aparecer, quando vier te visitar. Se eu tiver no serviço, o Ovídio recebe ela aqui em casa. Vem você e ela pra janta. Vou cozinhar carne de porco pra gente. Costelinha. Costelinha, não, que, na Bíblia, diz que deus fez a mulher da costela do homem. Não tem nada a ver com a sua mãe, viu, mas mulher que se faz da costela do porco não presta.

Ovídio empurra o prato e levanta de um modo abrupto.

LÉFSTON:

Colé, pai, termina de comer, aí, na moral.

Ovídio senta e volta a comer.

DALVA:

Ovídio, até culhão minha vó fez a gente comer com angu, sabia? Era o que descia melhor. Mas, era de boi. Não era de porco, não. Tem que ter garganta.

Ovídio bate na mesa e encara Dalva.

LÉFSTON:

Colé, mãe, deixa. Meu pai quer comer em paz, eu quero comer em paz, a gente quer comer em paz. Muda de assunto, pô. Não tem nada a ver. Tem visita.

DALVA:

Meu filho, o Acerola é de casa desde que nasceu.

Ovídio se levanta novamente da cadeira e de um modo mais vigoroso.

OVÍDIO:

Porra, caralho, vai ficar enchendo o saco?

DALVA:

Não grita comigo! Eu não falo mais nada. Senta, aí. Termina de comer.

(Indicando a projeção) E essa merda de política, que não acaba mais!

ACEROLA:

É verdade.

Ovídio volta a se sentar. Vira um copo de cachaça. Enche um copo de cerveja e continua a comer compulsivamente.

LÉFSTON:

Então, vamos ver nosso vídeo aqui, olha *(ele pega a câmera que esteve o tempo todo sobre a mesa)*. É rapidinho, só até o final do horário político mesmo, depois tu liga na novela. Vamos relaxar. É até bom pra gente saber se tá na moral mesmo, mas tem que prestar atenção, viu. Foi o Acerola que filmou, tá ligado. Vamos ver se ficou bom mesmo, meu diretor. Chega, aí, vamos juntar aqui. Deixa eu ver se é essa parte.

OVÍDIO:

O quê que tu falou?

LÉFSTON:

Meu diretor. (*Procurando o ponto exato do material gravado que pretende exibir*) Acho que é isso aqui.

Projeção. Mas, infelizmente, as imagens não correspondem ao momento que Léfston gostaria de apresentar. O que, acidentalmente, aparece na exibição é o depoimento gravado sobre o evento do mocotó queimado. Se Ovídio já se encontrava irritado com as provocações de Dalva, a lembrança desse evento, trazendo à tona sua relação com a bebida e as mulheres, coroada com a opinião do filho a respeito de sua submissão à Dalva, “meu pai peida pra minha mãe”, o deixa ainda mais possesso, em vias do descontrole. Sob a ótica de Acerola, o rosto de um Léfston que procura compreender a própria dor preenche a tela. O quadro oscila entre uma boca entreaberta que engole em seco e um olhar brilhante, perdido para dentro de si mesmo. Fusão. Sobre a imagem esmaecida do olhar de um Léfston reflexivo, a imagem de Ovídio com cerca de dez anos mais novo ganha a tela. Ele está dentro de casa e entorna uma garrafa de cachaça no gargalo. Dalva, mais jovem também, avança sobre a garrafa de cachaça. Ovídio, com um puxão, a tira das mãos de Dalva. Ela avança e mete o dedo na cara dele. Ele dá um tapa na mão dela, bebe mais um gole e atira a garrafa na parede. Dalva assustada. Ovídio vai até uma gaveta onde guarda meias, cuecas, perfume e outras miudezas e tira um

revólver de baixo das cuecas. Sem querer esconder seu gesto, guarda a arma na cintura. Sai para o quintal. É dia. Dalva sai atrás, reclamando. Léfston brinca com brinquedos e coisas velhas. Dalva reclama com Ovídio. O filho lhe dá a mão, como quem gostaria de acalmá-la. Dalva reclama, enfrentando Ovídio. Ele se vira para esposa e filho e, saindo de casa, aponta a arma para eles. Falando e gesticulando, some pelo portão. Dalva grita alguma coisa. Léfston, assustado, agarra a mão da mãe com força. Ficamos com sua expressão de susto, medo, tristeza e impotência. Toda essa sequência é projetada sem o áudio original e representa impressões, fantasias e fantasmas que habitam a interioridade de Léfston. Texto da projeção:

LÉFSTON:

Vê se não vai faltar memória pro nosso vídeo, porra.

ACEROLA:

Se faltar, a gente apaga essa entrevista.

LÉFSTON:

Porra. Então. Minha mãe queria fazer um rango e pediu só pro meu pai desligar uma panela de pressão que tava com um mocotó no fogo. Ela foi me levar no posto pra tomar vacina. Aí, não sei o que aconteceu, que ele não apagou. Não sei se foi mulher, ou se foi amigo, que chamou ele pro botequim, que meu pai foi pro botequim, encher a cara. Minha mãe acha que foi mulher. Só sei que, quando a gente chegou, uma hora depois, tava cheio de vizinho na rua, quase invadindo a casa, para apagar o fogo. Dava pra sentir aquela catinga de

queimado de longe. Quando minha mãe abriu a porta, veio aquela fumaceira, sabe. Quase que pega fogo em tudo. A panela ficou toda preta em cima do fogão, com o resto do mocotó queimado, agarrado na panela. Derreteu até um pouco do cabo. Só não jogou fora porque não dava pra comprar outra. Um calor desgraçado. Ia pegar fogo no barraco. Aí, ficou tudo empestado com o cheiro de mocotó queimado. Meu cabelo ficou fedendo. Minha roupa ficou fedendo. O lençol ficou fedendo. A cortina da janela da sala ficou fedendo, o sofá, ficou tudo fedendo. Minha mãe ficou muito puta. Aí, quando ele chegou em casa, minha mãe começou a falar. Deu maior caô. Ele disse que ia meter a mão na cara dela. Ela mandou bater. E eu comecei a chorar. Criança. Não podia fazer nada. Só pedia pra ele parar, com medo de bater nela.

ACEROLA:

Aí, ele bateu.

LÉFSTON:

Porra nenhuma. Meu pai peida pra minha mãe. Mas, eu só queria ficar perto dela, parceiro, proteger ela. Tava com medo do meu pai fazer alguma coisa. Ele tem arma. Aí, não tem coisa pior do que esse cheiro de mocotó queimado, parceiro. Parece tudo que é pobre, desgraçado. Tudo que deu errado.

ACEROLA:

Para de caô. Tá filosofando agora?

Ovídio, num impulso, arranca a câmara das mãos de Léfston.

Cena 5:

Léfston, Acerola, Dalva e Ovídio.

A imagem da mão de um homem tocando uma campainha é projetada na parede. É a mão de Ovídio, há quase vinte anos atrás. Uma mulher linda aparece, abrindo a porta. Surpresa diante de Ovídio. Ela observa ao redor, certificando-se de que ele está só. Ela gosta. É noite e ele sorri para ela. Ele busca a orelha dela pelo cheiro e a beija no pescoço. Ela gosta e se entrega de olhos fechados. Corta. Ela desliza a mão pela barriga dele até o pau. Ela o aperta com muita intimidade, com carinho e com tesão. Corta. Seus seios tomam conta da tela. Ela cavalga sobre Ovídio. As mãos dele percorrem aqueles seios. Com uma das mãos, ele agarra um seio e o traz ao encontro de sua boca. Notamos que ele usa uma aliança de casamento. Enquanto isso:

OVÍDIO:

(Para Dalva.) Foi tu que contou isso pra ele.

DALVA:

Não. Pensei que ele tinha esquecido.

OVÍDIO:

Foi tu que falou pra ele. E quer dizer que eu “peido” pra você, sua merda?

DALVA:

Ovídio, eu não falei nada. Não me chama de merda, quem é um merda é você, tá.

OVÍDIO:

Você tirou a noite pra me encher o saco.

DALVA:

Mas, eu nunca contei essa história pra ele.

OVÍDIO:

Você falou de mocotó hoje, sim.

DALVA:

A culpa não é minha. Seu filho ficou traumatizado, porque você sempre foi um irresponsável, cachaceiro, safado.

OVÍDIO:

Cala a sua boca, senão eu vou fazer uma merda com você, sua filha-da-puta.

DALVA:

Vai fazer o que, seu imbecil, cachorro, seu idiota? Vai me bater na frente dos seus dois filhos? Vai me matar, vai? (*Para Acerola.*) É verdade, sim, Acerola, ele é seu pai, esse safado. (*Para Ovídio.*) Vai contar pra ele como é que foi, ou quer que eu conte, Ovídio, hein? Seu safado! Irresponsável! Seu inútil! Você é um merda! Você!

No teatro, então, Ovídio está prestes a desabar e os garotos, atônitos. Silêncio dos homens sob a fúria do olhar e dos berros de Dalva. Ele olha para Acerola, lhe entrega a câmera e cai sentado no sofá.

ACEROLA:

(Com a câmera na mão, estica o braço, tentando devolvê-la a Ovídio.) Não é minha, não. Toma, não é minha.

DALVA:

Ahn???

ACEROLA:

Não é minha. *(Insistindo em entregá-la para Ovídio.)* Toma! Segura!

DALVA:

O Léfston disse que era sua.

ACEROLA:

Não sei, não é minha, eu não quero essa porra! *(Querendo entregar para Dalva.)* Toma pra você! Pega!

DALVA:

(Para Léfston.) De quem é essa câmera, garoto? Você falou que era dele.

ACEROLA:

Não é, não, essa porra não é minha. (*Para Léfston.*) Não joga essa culpa pra cima de mim.

LÉFSTON:

Vai se foder, caralho! Deixa de ser imbecil!

DALVA:

Ô, garoto, você não me falou que era dele?

LÉFSTON:

Falei!

DALVA:

E por que ele tá dizendo que não?

LÉFSTON:

Não sei!

DALVA:

Garoto, você não mente pra mim, eu sou sua mãe, eu te mato, garoto! Quem trouxe isso aqui pra cá?

LÉFSTON:

Fui eu.

DALVA:

Onde você arrumou isso?

LÉFSTON:

Eu achei.

DALVA:

Achou? E por que falou que era dele?

LÉFSTON:

Você não ia acreditar.

DALVA:

É mentira, seu filho-da-puta. Você roubou. Você roubou essa merda no meu serviço.

LÉFSTON:

Não, mãe.

DALVA:

Não mente pra mim! Não mente pra mim! A dona Linda me telefonou agora há pouco pra dizer que a câmera dela sumiu, tá, seu sujo! Tá vendo, Ovídio, seu filho virou ladrão!

LÉFSTON:

Você vai acreditar nela, mãe? Eu sou seu filho.

OVÍDIO:

(Ele avança sobre Léfston e lhe dá um tapa na cara.) Precisa disso?

DALVA:

Vergonha! Vergonha! Não criei filho pra isso, não criei! Um ladrão dentro de casa, Ovídio!

OVÍDIO:

(Agarrando Léfston pelos braços.) Pra que isso? Pra que? Você precisa disso? Você precisa roubar? Não tá satisfeito com o que você tem, com o que a gente consegue te dar honestamente? Vai trabalhar, seu vagabundo, pra poder bancar sua vaidade!

DALVA:

(Agarrando Léfston pelos braços, arrebatando-o de Ovídio.) A dona Linda, uma mulher tão boa, sempre me ajudou. Emprestava dinheiro pra comprar seu material escolar, seu safado, e depois descontava do meu salário, parcelado, no final do mês! Ela nunca deixa de lembrar da gente no natal. Sempre manda eu fazer um prato pra trazer pra você e pro seu pai, depois que eu sirvo a ceia da família dela! Sempre fez doação de roupa, pra trazer pra você e pros garotos da comunidade! Quando você era pequeno, pelo menos uma vez por

ano, ela mandava eu trazer um brinquedo que as crianças não queriam mais!
Ela não merece isso! Eu não mereço isso! Seu pai não merece isso!

OVÍDIO:

(Agarrando Léfston pelos braços, arrebatando-o de Dalva.) Você é um marginal! Comigo não cola conversinha de revolta. Não cola conversinha de trauma, que isso é coisa de viado, de mulherzinha! Você é pobre, mas não seguiu o exemplo do seu pai! Eu sou um homem de bem! Eu vendia bala no trem. Fui engraxate. Já fiquei desempregado também, mas a vida é assim! Nem por isso eu deixei de ter fé e nem por isso eu precisei pegar coisa dos outros! Porque eu sou honesto! Minha índole é boa! E eu sei qual é o meu lugar! Não devo nada a ninguém e se hoje eu recebo minha aposentadoria, é porque eu sempre trabalhei, graças a Deus! E você não seguiu o meu exemplo. Então, não é minha culpa se você não tem o tênis da moda, a roupa de marca, ou o celular da última geração! Você é pobre e não deve dar nenhum passo maior do que as suas pernas, seu desgraçado! Vai! Continua assim, que daqui a pouco você vai parar na cadeia! Pra mim, você é igual a um maconheiro, um viciado, um traficante. E se você não mudar e aceitar que você é pobre, eu mesmo vou te entregar pra polícia e vou fazer questão de te botar na cadeia! Se você não morrer antes, assassinado, por aí, na vala, todo furado de bala!

LÉFSTON:

Para, pai! Por favor!

OVÍDIO:

Quer que eu pare? Pede ajuda pra sua mãe, então! Eu não peido pra ela, seu desgraçado? Pede ajuda pra ela! Não quer que eu pare? O quê que é pior? Porrada ou cheiro de mocotó queimado que ficou entranhado no sofá, hein? Prefere apanhar ou a catinha de mocotó queimado entranhada no sofá?

Ovídio afunda a cara de Léfston no sofá, querendo sufocá-lo e monta por cima dele. Dalva intervém.

DALVA:

Chega, Ovídio, já tá bom! Ele merecia morrer pela vergonha que fez a gente passar. Mas, amanhã, bem cedo, ele vai lá na dona Linda pedir perdão e devolver essa câmera. Se não for, eu mesmo chamo a polícia ou vou daqui à delegacia, dando na cara dele.

Léfston se levanta trôpego do sofá, sentindo-se muito mal, ferido, acuado, humilhado, abandonado e decepcionado. Ele caminha para fora de casa, buscando o ar da noite no quintal.

Cena 6:

Léfston e Acerola.

Acerola está sentado numa cadeira, atônito, com a câmera na mão ainda. Dalva e Ovídio se preparam para dormir. Ela puxa a cama de rodinhas. Forra um lençol, joga um travesseiro e se deita. Ele se ajeita com um travesseiro no sofá, se cobre com um lençol e dorme. Acerola deposita a câmera sobre a

mesa de jantar e se dirige ao encontro de Léfston no quintal. Silêncio. Ele acende um cigarro, deixando-se iluminar pelo fogo do isqueiro.

ACEROLA:

Quer um cigarro?

Léfston aceita. Os dois fumam.

LÉFSTON:

Por que que tu não falou que a parada era tua?

ACEROLA:

Não consegui. Tava com raiva.

LÉFSTON:

Raiva.

ACEROLA:

Porra. Teu pai. Tio Ovídio. É meu pai.

LÉFSTON:

Pensei que tu era mais sagaz.

ACEROLA:

E agora?

LÉFSTON:

Sabe como é que é “rir” em inglês?

ACEROLA:

Não.

LÉFSTON:

Léf. Léf. Léf.

ACEROLA:

Tu é doido.

LÉFSTON:

Não vejo graça nenhuma no mundo.

ACEROLA:

Não vê porque não quer.

LÉFSTON:

Tu tá de sacanagem.

ACEROLA:

Tu tem uma vida que muita gente não tem.

LÉFSTON:

Minha vida é igual a de todo mundo.

ACEROLA:

Não é.

LÉFSTON:

Não tem tempo pra sonhar.

ACEROLA:

Não vê graça porque não quer.

LÉFSTON:

É desiludida, bandida, bolada.

ACEROLA:

Mas tu mora com teu pai e tua mãe.

LÉFSTON:

Ahn???

ACEROLA:

Teu pai e tua mãe que te criaram.

LÉFSTON:

Me criaram? Eu me criei.

ACEROLA:

É foda ser criado pela vó e não conhecer o pai.

LÉFSTON:

Eu também nunca conheci meu pai, meu parceiro. Nem minha mãe. Mas, eu acabei de conhecer agora. Dois filhos-da-puta, que querem que eu morra.

ACEROLA:

Tu tinha que pensar melhor.

LÉFSTON:

Pensar melhor o que?

ACEROLA:

Pensar melhor na hora de falar que o caô era meu.

LÉFSTON:

Confiei demais em você. Achei que tu fosse mais malandro.

ACEROLA:

Agora, fudeu.

LÉFSTON:

Meu mundo é outra coisa, meu parceiro.

ACEROLA:

O quê que eu posso fazer?

LÉFSTON:

Zé Povinho é foda.

ACEROLA:

Pra me fortalecer.

LÉFSTON:

Tem que morrer.

Acerola cata uma mutuca de maconha no fundo do maço de cigarro amassado. Desberlota, pega uma seda e aperta um baseado, enquanto reflete sobre sua mágoa.

ACEROLA:

Pra mim tá difícil à pampa, irmão. Quando eu nasci, minha mãe vivia com um cara, que me criou, dizendo que era meu pai. Ele tinha um barraco no Santa Marta. Era bom morar na Zona Sul naquela época. Todo o final de semana era praia, bola, parque, pipoca, picolé, cachorro-quente e algodão doce. Domingo de noite, ele sentava pra ver televisão e me botava no colo. Eu sempre dormia no colo dele. Ele tinha mais filho também. De vez em quando, aparecia um pra

ficar um tempo lá em casa. Nas férias. Ele era um crioulo magro, mas era forte e usava um black que ele penteava toda hora. Ele era bonito. Ele tinha várias amigas, acho que a maioria era ex-mulher. Um cara bom. Ele fumava um cigarrinho cheiroso. Gosto muito. Minha mãe era feliz. Eu era feliz. Mas, aí veio a guerra, depois que mataram o dono do morro. Minha mãe teve que correr com o cara de lá. Ele deixou a gente na Central, me deu um beijo e disse que ia me encontrar logo. Deu um beijo na boca da minha mãe, botou a gente no ônibus e ficou dando adeus até desaparecer, pequenininho, lá longe, quando o ônibus entrou no túnel. Foi a última vez que eu vi ele. Minha mãe ficou três dias comigo na casa da minha avó, aqui, depois saiu, dizendo que ia encontrar com ele. O nome dele era. Zozó. Ela só voltou depois de um mês. Aí, começou. Ela aparecia, depois sumia. Ficava fora um tempão. Eu ficava com muita saudade dela e do Zozó. Minha mãe dizia que ele também tava com saudade de mim, tava bem e que sempre me mandava um beijo. Uma vez ele mandou uma camisa do Flamengo pra mim. Engraçado, que ele era Vasco. Aí, teve um natal que minha avó brigou com ela e me contou que o Zozó não era meu pai. Que minha mãe era uma puta que não gostava de trabalhar e que meu pai de verdade era um homem casado e tinha outra família, com filho pequeno e tudo. Que ela era uma irresponsável, que devia trabalhar pra me sustentar, que ela nunca foi uma mulher de família e que meu avô morreu de desgosto, porque a filha foi mãe solteira. Minha mãe não respondeu nada. Só chorou, quietinha, com o choro escorrendo pela bochecha e disse que minha avó tava certa. Minha mãe me botou pra dormir, quando minha avó parou de falar. Quando eu acordei, ela não tava mais lá. Dessa vez, eu fiquei mais de seis meses sem ver ela, tá. Minha avó rogava praga na minha mãe todo dia. Dizia que era por

causa do encosto que ela gostava de samba, de cerveja, de macumba. Ela fala que foi encosto que fez minha mãe virar uma mulher da vida.

LÉFSTON:

Acho que todo mundo tem um encosto, então, que todo mundo é da vida.

ACEROLA:

Vamos lá fumar um na rua.

LÉFSTON:

Acende aí mesmo.

ACEROLA:

E se teu pai pegar?

LÉFSTON:

Eu resolvo com ele.

ACEROLA:

A gente não precisa se estressar mais.

LÉFSTON:

Acende aí.

ACEROLA:

Não é melhor na rua?

LÉFSTON:

Acende logo.

ACEROLA:

Calma, vamos relaxar.

LÉFSTON:

Me dá essa porra.

Léfston toma o baseado da mão de Acerola. Esse lhe dá um tapa na mão, que faz o baseado voar. Os dois brigam, rolando no chão. Ao mesmo tempo em que se torna uma coisa séria, a briga assume a dimensão patética de uma disputa pelo baseado, com Léfston querendo acendê-lo ali mesmo e Acerola impedindo. Finalmente, o baseado se desfaz entre os dois.

ACEROLA:

Seu merda, esse bagulho era o boldo. O hidropônico. Era o verme.

LÉFSTON:

Foi mal, irmão.

ACEROLA:

Secou a fonte agora.

LÉFSTON:

Merda.

ACEROLA:

Meu último baseado.

LÉFSTON:

Peraí, bora tomar cerveja, então.

ACEROLA:

Não. Chega dessa porra. Vou pra casa.

LÉFSTON:

Foi mal, irmão, foi mal.

ACEROLA:

Não sou teu irmão, mano. Não sou teu irmão.

Acerola sai de cena.

Cena 7:

Léfston, Olumonokàn, seu instinto de preservação-de-si, e o coro dos antepassados, seus instintos básicos de sobrevivência.

Léfston entra em casa. Pega o patins e a câmera e guarda na mochila. Seu “saco da criação”. Abre uma garrafa de cerveja e bebe. Pega a garrafa de cachaça e volta ao proscênio. Bebe a cachaça no gargalo. Sente a pressão, deita e fecha os olhos.

Imagens de fenômenos meteorológicos e das forças da natureza são projetadas ao fundo. O som dessas forças preenche todo o ambiente. São raios, tempestades, mares encapelados, florestas tropicais, explosões solares e vulcões. Inserts da vida na civilização moderna. Imagens da África: fome, guerras, migrações e epidemias. Imagens da devastação da natureza. Hidrelétricas, agronegócio e indústria de alimentos. A seca no Nordeste, comunidades quilombolas e a indústria do carnaval carioca. O carnaval de rua no Centro do Rio de Janeiro e no subúrbio. Inserts subliminares do corpo e do rosto de um homem negro que ri. Close no rosto desse mesmo homem que ri, encarando a plateia. Ele usa um terno escuro e chapéu. Ele é o Olumonokàn, “aquele que é o dono e que conhece o coração das pessoas”.

Enquanto isso, no teatro, Olumonokàn irrompe na cena com o coro dos antepassados. Entre eles, há uma disputa pela vida de Léfston. Os atores executam uma luta coreografada que evoca uma disputa entre maltas de capoeira, ou uma briga de torcidas organizadas, antecipando o tema da próxima peça da trilogia, “#maltas”. Aqui, há um ataque do coro contra Olumonokàn e Léfston, que se encontra desacordado. A dinâmica da briga reproduz uma disputa semelhante a que se deu entre gregos e troianos pela posse do corpo de algum herói abatido, conforme a narrativa da “Ilíada”, de Homero. Olumonokàn, nesse caso, combate pela guarda do corpo de Léfston. O coro pretende despedaçá-lo. Essa sequência toda representa o mundo

onírico de Léfston. Ele não sabe que está sonhando, mas, no decorrer da cena, tomará consciência disso – e dará um novo rumo aos acontecimentos. Música.

CORO:

E o nosso amor não é o brinquedo?

Não é o tom do coração?

Não é o pé descalço aqui no chão?

Não é a raiz? Não é o segredo?

Suor pingando no terreiro

pra nós é isso: é obrigação.

Não tem tristeza, nem lamúria,

fraqueza e nem também tem dor,

tem a sina dele, de ser doutor,

que foi traçada, há tanta lua,

com o engenho e com a conduta

do corpo de um sambador.

Ele não tem mais esperança,

quem come ele é a fraqueza.

O que pra ele é a certeza

não é o corpo, não é a dança.

Lá vai-se embora o ser criança,

com ele lá, vai-se a beleza.

Léfston veio a ser no mundo.

Foi essa escolha que ele fez.

Agora, é a hora e é a vez

de dar um jeito no seu rumo
ou apagar ele, feito um fumo,
cortando a luz e a lucidez.
Nós somos só o fel da partilha.
Já fomos dor, fomos trabalho.
E agora aqui, somos retalho,
esse é o tecido da família.
Quem é conosco, porém não cria,
tem que acabar despedaçado.

OLUMONOKÀN:

Não sou nada além de uma pobre teia de aranha
num canto de uma casa velha.
Mundo é pontão de ferro encravado no aço e o concreto é atrás da grade.
Dum lado, é a morte; do outro, a eternidade!
Já gemi em tanta carne já arada de enxada.
Lascada em navalha. Torrada na brasa.
Engoli foi carne de minha língua mastigada, meu pai!
E, de barriga cheia, perdia sono em cima do cavalo!
Trabalhei quem nem burro e gado jumento.
E tudo que eu comia era bicho.
Comia, comia, comia,
até papai me degolar, sim, em cima da farinha, ê!
Não há mais palpíte em ponta de faca virgem.
O ferro é forjado em aço e o aço é de muito matiz.

De pura só há a palavra, se a iluminação for pura.

O lagarto, o tatu e a galinha tão lá na escama do peixe, ó: nos espelhos!

E o sabiá cantador vidrado avoou foi de lá também, meu pai!

Sambador é sambador, danado!

Deixe ele pra lá quem não quer o samba e que o samba também não quer.

A gente verá o que à vera já viu, se a terra for boa.

Se o tempo ajudar.

Encher o bucho de vento periga faltar sem ar.

CORO:

O tempo vem e convoca a gente

aqui no campo de batalha.

Guerreiro bom, não cai, nem falha,

nem sabe ser benevolente.

Quem luta e assim fica contente

é quem tem gosto pela espada.

Léfston, antes de nascer,

fez um acordo com o divino.

Mas se esqueceu, quando menino,

de sua tarefa e seu poder.

Ninguém mandou ele esquecer

que o mundo morto também tá vivo.

Nós somos crias só do tempo

e quem ainda não nasceu

também já traz o que escolheu.

A vida e a morte são momentos
de um extremo contentamento,
que só quem sabe é quem se deu.

Cada um de nós é um nó
atado ao outro nó na veia.

A sina é o sangue quem semeia,
sem sangue o sonho vira é pó.

Sem sangue então é até melhor
se destruir, mordendo areia.

Sem sangue então o quê que é um homem?

Ou uma mulher? Pra quê que presta?

O sangue é o fogo que refresca,
é o alimento que dá mais fome,
é o que anima e o que consome
qualquer trabalho e qualquer festa.

Se não tem sangue, não tem samba.

Pode até faltar a bebida.

Pode até faltar a comida,
que, se faltar, alguém reclama.

Se não tiver o que nos inflama,
não interessa mais a vida.

OLUMONOKÀN:

Esse é o poder e a carne, conforme o sangue na veia, ô.

Esse cabra é meu menino bom, tão melhor, mas bom demais das ideias.

É barro vermelho e é o sangue do meu sangue ruim.
Mas, com o vigor vosso, da maré sem fim,
não vai mais se acabar jamais.
Até ali na morte a mais dos vossos ancestrais lá dele.
Vamos, mais ele, solapar fundamento de academia.
Jogar jangada em maré má d'água fria
e puxá uma rede pejada, com peixe pulando doido de alegria
de morrer na boca nossa!
Que nem eu é o samba do meu caroço de dendê, ô!
Meu veneno de Angola, meu pai!
Ai, que nem eu. Tem essa fome aqui que me entoja!
Esse menino é meu cabra, é um galo, meu filho.
Não quero poder permitir a ninguém ver meus olhos chorarem!
Tem a fome que é grande, meu pai que é grande igual, ou maior!
E tem coisa maior, mais grande ainda: esse mistério que determinou-lhe em si
a sina de ser doutor sem jamais deixar de sambar!
Quem lhe desse então outra família, ô.
Sabedora de pelo menos lhe cativar o apreço, o amor.
E fosse sagaz no instinto, e pudesse desconfiar,
que a letra é um nome que é escrito na fina capa do mar,
que a onda leva, mas traz e o tempo faz se lembrar.
Esse menino é meu cabra, é o sabido, que é o burro aprendendo a sofrer.
Tem sangue correndo acorrentado na carne boa da pele
e tem choro agarrado correndo nos zói,
língua querendo verbo

e peito, olha, querendo fumo.

Vamos comer chão, barro, asfalto, vamo à luta e levantar poeira!

E logo ali, lá na frente, tem eu e tem vosmecê

no comando disso tudo que serei lá: é nós!

Um chefe, um pai, um doutor, formado com os aliados, meu capitão!

A fome existe pra matar, pra ensinar que tem a vida.

CORO:

Palavra dada é o natural

do ser que vive existindo.

E essa coisa que é o destino

é outra coisa na real.

Léfston só vai se dar é mal

porque não tem mais é caminho.

Não tem nada, só um gigante

impedindo que ele cresça.

Ele acredita que é esperteza

e que o alheio é que é o brilhante.

Assim, não vai mais adiante,

porque também tá sem cabeça.

Passou do tempo de ele agir,

já não está tão mais direito.

E, veja bem, nada é perfeito,

não existe isso por aqui.

Mas, como está, não vai cumprir

o que ele tem e que é pra ser feito.

A força viva quer criar.

Na frente dele eu vejo a lousa.

Vai ser uma coisa ou vai ser outra,

ou vai sumir ou vai ficar

e nós não vamos esperar,

pois força viva quer mais força.

OLUMONOKÀN:

Não posso: não, não, não, não,

que é lei de força forçosa, perdida lá onde eu me desconheço,

proceder sendo segundo o ditame do instinto.

Que o corpo é um pedaço vivo dos demais pedaços que sobrou do morto.

E morto, que, outrora roto, se encontra vivo num outro corpo,

esse morto fica doente, seca, mina e amarga travado desgosto,

quando o corpo proposto de poder proliferar não gera. Desconsidera.

Daí, o morto querer mais é a terra! O seio da geração!

Ou o fino dente afiado da lacraia, a carne lisa do verme, ou um osso frio,

bem sujo enterrado no fundo da cova e do lodaçal imundo.

Morto é morto. A vida é mistério.

Não sei o nome do mundo, só não se chama é cemitério.

Nós ali, lá nele, é a gente.

E o meu tempo não nasceu pra ser o esquecimento.

O nome de minha abordagem é guerra:

meu menino não vai perder o juízo,

nem se encontrar deformado morto,
pois eu sendo ele, tem a força ali e tem eu,
podendo igual ter toda a gente lá nele também.
Vida aqui há pra se divulgar e pra dar pra comer,
pra crescer, pra lutar, juntar, acumular, embolar, estourar, espalhar
e girar o cacete na cara de tudo que é mundo muquirana a fora.

CORO:

Larga
esse corpo
de gente
perdida
voltada
com as costas
pra dentro
do mundo
que cada
pessoa
do mundo
tomou
pra enfrentar
como seu
desafio
fatal.
É de frente

pra gente
que a gente
trabalha
na roça
da alma
trabalha
na praça
vendendo
na rua
de frente
pra entrada
portão
principal
do mercado
do canavial.

LÉFSTON:

Perdeu, assim. Assim não fecha legal, não. E me respeita que eu sou nascido e criado aqui. Tem um ritmo.

OLUMONOKÀN:

(Para Léfston) Não era tu que tinha morrido nunca, não, viu. Eu sou um anjo de deus. Tem um corpo fechado aqui no caminho, ô. Um dia, vê babalaô, que a ciência tem seu limite. Vai ali, vai.

LÉFSTON:

(Para o público) Eu sei que eu tô sonhando.

CORIFEU:

(Para Léfston) Olha pra mim. Olha pra mim.

LÉFSTON:

(Para o público) Daqui a pouco amanhece. Tudo que eu sou seria eu, vestido de camisa de botão estampada, passeando com os amigos num carro conversível. Importado. Só dois ou três, só. Que amigo, fechamento mesmo, fiel, purão, cabe aqui, olha. Na palma da mão fechada. Fiel mesmo é o meu braço. Acerola. Seria eu passeando de carro conversível importado na zona sul. Na beira da praia. Sem chamar mais a atenção de ninguém. Pra mim, a mina mais linda não era mais uma branca. E os artistas mais famosos, capa de revista, passeando e tomando água de coco no calçadão, agora têm a minha cor. Minha mãe tem uma coisa com novela. Eu ficava olhando pro galã. Ficava com pena do meu pai. Roncando, bêbado, caído no chão, o cu todo cagado. Não tenho mais pena. Não tenho mais pai nem mãe no meu corpo. Minha pele é curtida no sangue. Isso aqui que eu sinto na moral é foda. Só pode ser assim. E agora, se eu fizer “eu quero”? E agora, se tudo isso aqui é tudo que eu sou? Sem ostentação. Nem tudo que balança cai. Dá meu paletó, aqui, e meu chapéu. Bêbado de energia. O que eu quero tá aqui na minha frente. *(Para o coro.)* Presta atenção todo mundo. Sou eu que mando. E tô na fita de levar geral até onde eu conseguir. Todo mundo junto. Meus mortos tão pra lá, olha, no fundo do mar. Eu quero é a terra, que é onde eu sei ver caminho. *(Para o*

público.) Quando ficar de dia, esses aqui vão sumir. Os que prestam moram na minha sombra. *(Para o coro.)* Eu sou uma coisa de vocês. E agora vamos parar e caçar o que é meu. “Deixe-me ir. Preciso andar. Vou por aí. A procurar. Rir. Pra não chorar”. O que eu preciso pra mim tá aqui no saco da criação. Caminho e visão. Visão e caminho. “Preciso andar”.

Léfston aplica Cartola no ilù. Palmas. Ensina a marcação das palmas para o coro. O tambor acompanha. Léfston passa o canto para Olumonokàn. Dança com o coro, que aos poucos sai de cena, conforme a ascensão da luz. A imagem da aurora é projetada. A dinâmica dessa dança reproduz um “jogo de compra”, característico da capoeira. Primeiro, Léfston “joga” com um dos integrantes do coro, depois com dois, e, assim, sucessivamente, até que ele fica sozinho no palco, dançando até se cansar. Até que deita ofegante e fecha os olhos.

Cena 8:

Léfston e Dalva.

Toca o telefone celular de Dalva. Ela acorda e atende, meio sonolenta, meio assustada. É Dona Linda, a patroa.

DALVA:

Oi, dona Linda, aconteceu alguma coisa? O que? Ah, já achou a câmera. Sei. Não, eu já tava de saída. Que bom, que a senhora queria levar, né. Tá. Tá que horas o voo? Olha, pode ir despreocupada, viu. Eu sei que a senhora confia em mim. Sim, senhora. Sim, senhora. Vai com deus, dona Linda. Tchau.

Ela caminha em direção ao filho, que se encontra estirado no quintal, e o observa. Vê a garrafa de cachaça. Vê a mochila e a apanha.

DALVA:

Psiu. Acorda, Léfston. Vai deitar lá dentro. Deita lá dentro agora, garoto.

Léfston.

LÉFSTON:

Ahn!

DALVA:

Tava sonhando?

LÉFSTON:

Não.

DALVA:

Acordou rindo.

LÉFSTON:

Verdade.

DALVA:

Foi a cachaça, isso sim.

LÉFSTON:

Preciso andar.

DALVA:

Deita lá dentro, anda.

LÉFSTON:

Vai me levar pra delegacia?

DALVA:

Deixa isso pra lá. Vem.

LÉFSTON:

Eu não vou devolver nada.

DALVA:

Eu já sei. Vamos entrar que eu vou passar um café pra você.

LÉFSTON:

Me dá minha mochila.

DALVA:

Garoto, a hora tá passando. Eu vou me atrasar.

LÉFSTON:

(Tomando a mochila das mãos de Dalva com bastante firmeza.) Me dá minha mochila!

Cena 9:

Léfston, Dalva e Ovídio.

Dalva reconhece que cometeu um erro ao expor e agredir o filho. Ovídio, que acaba de acordar, mareado de ressaca, observa de dentro de casa.

DALVA:

Meu filho, escuta. Me desculpe. Desculpa sua mãe. Não devia ter te acusado. Não devia ter falado com você daquele jeito. Você não merece. Você é um filho maravilhoso. Eu te amo. Vai descansar, vai. Vai dormir mais um pouquinho. Deixa a mamãe cuidar de você. Eu não acreditei na hora, eu não acreditei. Eu confundi tudo. Confundi tudo. Escuta. É que a dona Linda se queixou mais cedo comigo por causa de uma câmera que sumiu na casa dela e eu pensei. Aí, você aparece em casa, eu achei. Mas, ela já me ligou agora pra dizer que já achou a dela. Sabe como é que é rico. Desculpa. Desculpa. Eu não devia ter te acusado de ladrão.

LÉFSTON:

Pra quem queria me matar ontem, né. O quê que uma palavra da branca não faz.

DALVA:

(Abraçando o filho.) Meu filho, finge que não aconteceu nada daquilo.

LÉFSTON:

Sai. Me solta. Seu abraço me sufoca.

Ele empurra a mãe no chão e Ovídio irrompe na cena.

OVÍDIO:

Mais respeito com ela, seu filho-da-puta. Tô te vendo. Com homem você não faz isso, né.

LÉFSTON:

Homem? Cadê o homem?

OVÍDIO:

Ai, ladrãozinho maconheiro, eu te dou um tiro na cara.

DALVA:

Ele não é ladrão, não, Ovídio, eu me enganei. Escuta aqui. Eu me enganei. A dona Linda já achou a câmera dela. Sabe como é que é rico, né. Só de câmera, ela tem mais de dez. Ele não é ladrão, não. Eu errei. Eu errei.

LÉFSTON:

Não, não, não, não, não. Eu roubei mesmo essa câmera da sua patroa. No seu trabalho. Por causa disso. Porque ela tem mais de dez. Pra quê? Eu não tinha

nenhuma e eu preciso muito criar alguma coisa. Não é moda. Não é roupa de marca. Não é porra nenhuma de última geração. Caralho. Eu quero fazer o meu vídeo.

OVÍDIO:

Vai ser artista no inferno. Eu te dou um tiro no meio da sua cara e depois eu me mato. Seu safado. Mentiroso. Ladrão. Maconheiro. Seu viado.

LÉFSTON:

Atira, seu merda. Mas, se errar, eu te quebro na porrada.

DALVA:

Não.

OVÍDIO:

Você vai ver. Vou pegar o revólver.

DALVA:

Léfston.

Dalva agarra Léfston, como quem tenta impedi-lo de avançar no pai.

OVÍDIO:

Não criei filho pra isso.

DALVA:

Ele não é ladrão. Ele não é ladrão.

OVÍDIO:

Eu te dou uma coça.

LÉFSTON:

Desistiu da bala, seu otário? Quer fazer na mão agora, seu cuzão?

DALVA:

Ovídio.

Rapidamente, Ovídio se precipita com ódio para agredir o filho. Léfston se desvencilha, empurra a mãe no chão novamente e parte pra cima do pai com toda a violência. Dalva permanece paralisada e amedrontada com a reação do filho. Apenas berra desesperada: “alguém me ajuda. Alguém me ajuda. Eu não sei o que fazer”. Léfston espanca o pai, furioso. Ovídio beira a perda da consciência. Léfston bate até se cansar. Dalva chora. Léfston só para quando cansa.

LÉFSTON:

Escuta, seu merda. Você apanhou, porque você é um merda. Esse é o seu lugar. Eu botei você no seu lugar agora. Pra mim, você não é exemplo de porra nenhuma. Só de derrota e desgraça. Se enxerga. Você gosta de botar defeito

nos outros. Mas agora quem tá te mostrando que você não presta sou eu. Seu filho ladrão e maconheiro. Se enxerga ou morre.

Dalva chora e implora.

DALVA:

Meu filho, pelo amor de deus. Você perdeu o juízo.

LÉFSTON:

(Para Dalva.) Vem cá, você. Levanta. Fica em pé aqui. Vai cuidar dele agora, que ele precisa de você. Olha aqui. Eu não preciso mais. *(Novamente, ele apanha a mochila que estava no chão.)* Me deixa ir embora. E, se vier atrás de mim, você vai apanhar também.

Léfston sai. Dalva se aproxima de Ovídio, que se encontra estendido no chão.

DALVA:

(Para o público.) Eu não sei. Não sei. Eu piorei. Não entendo mais nada. Preciso de ajuda. Alguém, por favor, me ajuda. Eu amava meu filho. Amava o pai dele. Eu sabia. Mas, eu não esperava. Quero que alguém me diga o que fazer. Eu não sou mãe de verdade. Não foi meu filho que foi embora. É agora que a gente vai ver quem é ele.

Projeção. Abre num plano sequência feito com a câmera na mão. É dia. A imagem de uma rua no subúrbio é exibida sob a ótica da lente da câmera de

Léfston. Sentimos que ele avança pela rua, caminhando apressado com a câmera na mão.

LÉFSTON:

Eu quero é cu. Quero uma vida diferente agora.

Vemos que ele se aproxima de uma determinada casa. Trata-se da mesma casa visitada por Ovídio há quase vinte anos atrás. Ele para diante dela e bate no portão. A voz de uma senhora idosa responde. É Dona Cordeira, a avó de Acerola.

DONA CORDEIRA:

Quer falar com quem?

LÉFSTON:

Sou eu, dona Cordeira, Léfston. Cadê o Acerola?

Dona Cordeira abre o portão. Ela possui uma sonda enfiada na veia do braço e se desloca apoiada na haste de metal que sustenta a bolsa de soro ligada na sonda. É uma velha doente.

DONA CORDEIRA:

Tá amarrado. Isso é hora? Eu não durmo mesmo. Jonathan chegou tarde e ainda tá lá no quarto, prostrado.

Ela finge que não percebe, mas Léfston a filma na entrada. Quando ele abre a porta do quarto, encontra Acerola acordado, sentado na cama com os olhos vermelhos. Ele não dormiu a noite toda. Zoom no rosto dele.

LÉFSTON:

Eu quero é cu. Quero uma vida diferente agora.

Eu quero é cu, mas sei que não rola

comer a bunda do meu mano, Acerola.

Acerola sorri. Seu riso cresce e contagia Léfston. Os dois dão muita risada.

Léfston tampa a lente da câmera. Ouvimos apenas as risadas.

FIM